



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

EFEITOS DE SENTIDO NO DESLOCAMENTO DO ENUNCIADO “A LUTA CONTINUA”: UM ESTUDO DISCURSIVO



EFFECTS OF MEANING ON THE DISPLACEMENT OF THE EXPRESSION “THE FIGHT CONTINUES”: A DISCURSIVE STUDY

Marcus Garcia de SENE
Universidade Estadual Paulista, Brasil

Wilder Kleber Fernandes de SANTANA
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Alberto Lopo Montalvão NETO
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Danielyson Yure de Queiroz VALENTIM
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 23/03/2021 • APROVADO EM 23/01/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3382>

Resumo

Ao final do primeiro turno das eleições presidenciais do ano de 2014, a candidata Dilma Rousseff (DR), em seu primeiro discurso após a vitória, afirmou que “a luta continua” referindo-se à reeleição. Curiosamente, Rousseff, que foi militante e lutou contra as ações do governo no período ditatorial, tinha nessa expressão o seu principal discurso de resistência. Na ocasião, o então candidato derrotado Aécio Neves (AN) aproveitou para também afirmar, em seus contatos com o público, que “a luta continua”, numa espécie de apropriação do discurso de Rousseff. Penando nesse contexto, filiados à vertente francesa pecheutiana da Análise do Discurso (AD), este trabalho analisa como o enunciado “a luta continua” retorna com diferentes significações, a depender de quem a diz, como diz e em que circunstâncias diz. Nossas análises apontam que, ainda que seja frequente o retorno de palavras, as falas de DR e AN produzem diferentes efeitos de sentido.

Abstract

At the end of the first round of 2014 presidential elections, the candidate Dilma Rousseff (DR), in her first speech after the victory, stated that “the struggle continues” referring to the reelection. Curiously, Rousseff, who was a militant and fought against the government's actions in the dictatorial period, had in this expression her main speech of resistance. On the occasion, the defeated candidate Aécio Neves (AN) took the opportunity to also affirm, in his contacts with the public, that “the struggle continues”, in a kind of appropriation of Rousseff's speech. In this context, affiliated with the French Pecheutian aspect of Discourse Analysis (AD), this work analyzes how the statement “the struggle continues” returns with different meanings, depending on who says it, how it's said and under what circumstances it's said. Our analyzes point out that, even though the return of words is frequent, the statements of DR and AN produce different effects of meaning.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Análise do Discurso. Efeitos de sentido. Deslocamento de sentidos. A luta continua. Eleições presidenciais.

Keywords: Discourse Analysis. Sense effects. Displacement of meanings. The fight goes on. Presidential elections.

Texto integral

Introdução

Ao final do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras que ocorreram no ano de 2014, a candidata Dilma Rousseff (DR), que terminou em primeiro lugar, realizou alguns discursos a favor da democracia, e em específico uma expressão nos chamou atenção: “A luta continua”, que fez referência a sua busca pela reeleição. Dilma, que foi militante contra o poder estatal no período ditatorial brasileiro, carregava, no referido enunciado, o seu principal discurso de resistência a práticas homogeneizantes, antidemocráticas e eugênicas.

Quando as eleições terminaram, a candidata se viu vitoriosa por uma diferença de aproximadamente três milhões e quinhentos votos, diferença essa que pode ser considerada pequena em relação ao expressivo eleitorado brasileiro.

Dessa forma, o candidato derrotado, Aécio Neves (AN), em seus primeiros contatos com o público após a derrota, aproveitou para também afirmar que “a luta continua”, em uma espécie de apropriação do discurso de DR. Outras razões, como as polêmicas envolvendo os escândalos de corrupção do governo de DR, os debates entre os candidatos e o embate de posicionamentos políticos que emergiram durante as eleições também contribuíram para o pronunciamento de AN.

De um lado, Dilma lutava pela manutenção de seu governo e de suas políticas de caráter social e democrático; de outro, Aécio lutava contra a situação do país, alegando a necessidade de mudanças. Assim sendo, diante das posições opostas, expostas por sujeitos que utilizaram o mesmo enunciado, mas com intencionalidades de produzir distintas interpretações a partir dos embates propiciados em meio ao jogo político, neste texto procuramos compreender alguns efeitos relativos ao deslocamento da expressão “a luta continua”, mobilizada por Aécio Neves em meio a um acontecimento histórico-político.

Portanto, analisamos os possíveis efeitos de sentidos produzidos a partir do enunciado “a luta continua”, que foi pronunciado por Aécio Neves. Essa análise também visa compreender as condições de produção¹ que fazem parte do momento da enunciação, e que se remetem, mais especificamente, às eleições brasileiras presidenciais de 2014, posto que haja diferenças semânticas em relação ao mesmo enunciado proferido por DR, cuja base ideológica se remete à luta armada contra o regime militar, que se deu entre os anos de 1964 e 1985. Dentre as ocorrências selecionadas, observamos matérias jornalísticas, discursos presidenciais, artigos científicos, entrevistas, publicações em redes sociais oficiais de candidatos e declarações por parte deles e/ou de seus aliados.

Embasados na corrente da Análise do Discurso de linha francesa (AD) que teve em Michel Pêcheux um de seus principais articuladores na França, e nos estudos de Eni Orlandi no Brasil, procuraremos refletir sobre como o enunciado “a luta continua” se alterou, entre outros aspectos, em meio às condições de produção, compreendendo ainda os meios pelos quais ele passou a circular em diferentes espaços, principalmente de caráter midiático.

Assim, compreendemos que na interação “sujeito-história-mundo”, ao alterarem-se as condições de produção, o sujeito a filia-se a diferentes redes de sentido, mediante o lugar discursivo do qual fala e da posição no discurso que ocupa quando pronuncia o seu dizer, pois é na relação com a exterioridade que o sujeito materializa, através da linguagem, os efeitos da ideologia (ORLANDI, 1994). Dessa forma, diante de nosso reconhecimento de que o enunciado “a luta continua” fora utilizado por DR nos discursos de eleição presidencial no ano de 2014 (como posicionamento de resistência aos resquícios de ditadura advindos do regime militar no Brasil), delimitamos como objetivo geral deste estudo: compreender os possíveis efeitos de sentido no deslocamento do enunciado “a luta continua”, proferido por Aécio Neves, numa relação polissêmica de seu uso, a partir de diferentes condições de produção. Destarte, buscamos compreender o processo de apropriação desse enunciado por AN, candidato da oposição à reeleição de DR, como um acontecimento discursivo (PÊCHEUX, 1990).

1 Na perspectiva de Eni Orlandi as condições de produção podem ser consideradas em seu sentido amplo e em seu sentido estrito. Ao primeiro atribuem-se os contextos históricos e ao segundo atribuísssem os contextos imediatos (ORLANDI, 1999).

Referencial teórico-metodológico e corpus de análise

Para a análise do corpus deste trabalho mobilizamos algumas noções e princípios relevantes da Análise do Discurso de linha francesa (AD) pecheutiana, tais como memória discursiva (interdiscurso), silêncio, paráfrase/polissemia, relações de sentido, relações de força, mecanismo de antecipação, posição-sujeito e formação discursiva. As noções e princípios elencados são relevantes para compreendermos como o texto se articula e como diferentes tipologias discursivas materializam-se através da linguagem, por meio de falas de sujeitos que se filiam a uma determinada rede de sentidos, de acordo com as condições de produção em que se inserem, e que contribuem para que possam posicionar-se diante de um dado referente. Em outras palavras, grosso modo, esses mecanismos permitem que os sujeitos possam defender um “ponto de vista”.

Destarte, é importante lembrar a noção de discurso. Orlandi (1999, p. 21) define o discurso como “efeito de sentido entre interlocutores”. A autora ainda aponta que a noção de discurso vai levar em conta a instituição a qual ele está vinculado. Assim, o discurso representa a materialização da ideologia. Essa definição de discurso, colocada por Orlandi, têm origem em Pêcheux, que coloca ainda que “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro” (PÊCHEUX, 1969, p. 82).

Na relação mencionada por Pêcheux, A e B seriam os interlocutores e a noção de discurso vai além da mera transmissão de informações, levando em conta as representações dos sujeitos, que se atrelam ao imaginário que possuem a respeito das coisas e que falam a partir de um determinado lugar na sociedade. Portanto, essa produção de efeitos de sentido dependerá da posição ocupada pelo sujeito que fala e de como se fala a respeito de um determinado referente.

Sobre a questão, Pêcheux complementa dizendo que:

Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). Acrescentamos que é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma posição, e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não ao acaso, mas segundo leis que apenas uma investigação sociológica poderá revelar (PÊCHEUX, 1969, p. 82-83).

Podemos então dizer que, para além do lugar que o sujeito ocupa no discurso, dada a posição social da qual ele fala, há também “posições-sujeito” (GRIGOLETTO, 2005). Em outras palavras, há posições que são assumidas pelo sujeito no discurso, ainda que momentaneamente. Nessa relação, Grigoletto (2005, p. 2) aponta que “[...] o sentido só se produz pela relação do sujeito com a forma-sujeito do saber e, conseqüentemente, pela identificação do sujeito com uma determinada FD” (doravante, Formação Discursiva).

Sobre a noção de FD, esta foi apresentada, primeiramente, por Foucault (1971). Segundo o autor, a FD é um sistema de regras estabelecidas, historicamente determinadas, em que os enunciados são agrupados. Sobre o mesmo conceito, Mussalim (2006) assegura que uma FD determina o que pode ou deve ser dito a partir de um determinado lugar social, dizendo que: “[...] ela [FD] se constitui como um espaço constantemente invadido por elementos que vêm de outro lugar, de outras formações discursivas” (MUSSALIM, 2006, p. 139). Portanto, dependendo do lugar social de onde se enuncia, os discursos terão implicações e, conseqüentemente, sentidos diferentes.

Considerando as noções de FD e de “posição-sujeito”, compreende-se que o sujeito, inserido num determinado lugar social e, conseqüentemente, num dado lugar discursivo, pode assumir diferentes posições no discurso, filiando-se a distintas redes de sentidos por meio de processos de identificação (ORLANDI, 1994). Por exemplo, ainda que uma pessoa não seja um cientista, poder-se-á assumir esta posição para falar sobre Ciência, visto que esta confere um caráter de autoridade, bem como compreende-se que, ainda que um sujeito não seja politicamente filiado aos ideais político-partidários de esquerda, este pode igualmente assumir os seus dizeres, a partir da filiação momentânea à sua FD, aderindo assim a uma “posição-sujeito” específica.

A respeito desse lugar social que os sujeitos ocupam, Orlandi aponta que:

Quanto ao social, não são os traços sociológicos empíricos — classe social, idade, sexo, profissão — mas as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um pai, de um operário, de um presidente, etc. Há em toda língua mecanismos de projeção que permitem passar da situação sociologicamente descritível para a posição dos sujeitos discursivamente significativa (ORLANDI, 1994, p. 56).

Essa afirmação de Orlandi vai ao encontro do que aqui discutimos a respeito das representações dos sujeitos em sua relação com a história e com o mundo. Nessa relação, o interdiscurso intervém de modo que não identifiquemos esses mecanismos, e nos leva a achar que somos a origem do nosso dizer e que não há outra forma de dizer determinada coisa. Num jogo que fica entre a repetição (paráfrase) e a possibilidade de outras significações (polissemia), a noção de que dissemos tudo (completude), ainda que não seja possível (incompletude), é o que torna a linguagem, e a conseqüente produção de efeitos de sentidos, possível. Por meio dessas relações “[...] podemos procurar entender o modo como os textos produzem sentidos e a ideologia será então percebida como o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular” (ORLANDI, 1996, p. 65). Outrossim, com essas reflexões, podemos apontar aquilo que é dito por Pêcheux (1988), que diz que o sentido:

[...] é determinado pelas posições sócio-ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) [...] e mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as

empregam [...], isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Assim, compreendemos que um enunciado poderá ter efeitos de sentidos diferentes devido “[...] a natureza da interpelação sofrida pelo sujeito no processo de enunciação” (BRAGA, 2010, p. 16). Nessa relação, ao propormos uma análise que objetiva compreender como, em determinadas condições de produção, um enunciado possibilita relações de sentidos, é importante atentar ao conceito de memória discursiva.

Como dito, o sujeito é interpelado pela ideologia, sendo que os sujeitos enunciam a partir de uma FD. Outrossim, conforme aponta Melo (2002), a memória discursiva se relaciona com a FD, de modo a tornar possível que formulações discursivas anteriores circulem sob a forma de novos enunciados. Em outras palavras, a memória discursiva diz respeito a recorrência de enunciados no discurso em que são retomados, na maioria das vezes, com novos significados, produzindo efeitos de sentido diferentes. A essa ruptura que permite novos processos de significação de um enunciado em meio a um determinado momento histórico, Pêcheux (1990) denomina de acontecimento discursivo. Dito isso, consideramos que o momento de enunciação aqui analisado, que ocorre em meio às eleições presidenciais brasileiras, se coloca como tal.

Ademais, cabe salientar que a noção de memória discursiva, portanto, exerce um papel ambíguo no discurso, na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera (MELO, 2002, p. 256). Nas palavras de Possenti (2001, p. 46), “[...] a AD não pode aceitar que o efeito de sentido seja um efeito que se produza no instante mesmo da enunciação, com base numa certa relação entre significantes”. Desse modo, enquanto efeito, o sentido nunca é o sentido de uma palavra/enunciado, mas nasce de uma relação em que uma determinada formulação está ligada a outras formulações anteriores. Podemos dizer, então, que tal conceito diz respeito à recorrência de enunciados, separando e elegendo aquilo que, de fato, dentro de uma contingência histórica específica, pode surgir, sendo atualizado no discurso ou rejeitado em um novo contexto discursivo.

A este respeito, Melo (2002, p. 256) afirma que: “A noção de memória discursiva exerce, portanto, uma função ambígua no discurso, na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera”. Outrossim, Orlandi considera que no interdiscurso os “[...] sentidos são sempre referidos a outros e é daí que tiram sua identidade, sua realidade significativa” (ORLANDI, 1994, p. 57). Cabe ressaltar que “Como não temos acesso direto ao interdiscurso, ele simula por seus efeitos na formulação (intradiscurso)” (ORLANDI, 1996, p. 76). É nessa relação com a memória discursiva que consideramos as diferentes formas expressas do enunciado foco de interesse de nossas reflexões.

Mediante os mecanismos mencionados, compreende-se ainda que o sujeito sempre enuncia em relação ao seu interlocutor com a intenção de produzir um determinado efeito de sentido, o que Orlandi (1999) chama de mecanismo de antecipação. Sobre esse mecanismo, Orlandi (1998) aponta que ocorre uma antecipação das representações por aquele que enuncia, numa estratégia que se

vincula ao funcionamento do discurso em seu processo argumentativo. Assim, a autora coloca que “Argumentar é prever, tomado pelo jogo de imagens” (ORLANDI, 1998, p. 77). Sobre essa questão, Orlandi afirma ainda que:

[...] todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte (ORLANDI, 1999, p. 39).

A partir dessa afirmação, pensando a respeito dos processos de argumentação segundo a ótica da AD, compreendemos que, para além do mecanismo que permite com que o sujeito se coloque no lugar de seu interlocutor, há ainda relações entre os sentidos, de modo que os discursos se inter-relacionam. De acordo com Orlandi, compreende-se que “[...] não há discurso que não se relacione com outros”. Além disso, para a autora, “[...] os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros”. Assim, podemos afirmar que “Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 1999, p. 39). Nesse sentido, compreendemos que essa noção da AD nos ajuda a explicar a relação entre diferentes sentidos que podem ser atribuídos ao mesmo dizer, como é o caso do enunciado de interesse foco de nossas análises: “a luta continua”.

Cabe ressaltar que “[...] o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 1999, p. 39). Reforçando o que foi supramencionado, compreendemos que o lugar ocupado por um professor, uma mãe ou um cientista significam diferentemente dos lugares ocupados por um aluno, um filho ou uma pessoa cientificamente “leiga”. Há posições sociais que demarcam autoridade, que se sustentam por históricas relações de poder. E é justamente essa relação hierárquica de posições existentes que fará com que o mesmo dizer proferido por uma figura de autoridade, como um professor ou um cientista, não significará de igual forma se for dito por um aluno ou por um leigo, por exemplo. De igual forma isso se aplica a políticos como DR e AE, que, apesar de ambos serem figuras políticas, ao enunciarem de diferentes posições político-partidários, significam distintamente.

Ressaltamos ainda que todos esses mecanismos (relações de sentido, relações de força e mecanismo de antecipação) atrelam-se às formações imaginárias, visto que esses mecanismos funcionam sobre as representações dos sujeitos no discurso e não a partir de sua forma física (ORLANDI, 1999).

Com base nessas questões, no presente estudo objetivamos compreender como o enunciado “a luta continua” fora retomado diferentemente do sentido original. Compreendemos que as noções da AD aqui mencionadas se tornam importantes na medida em que, apesar de acreditarmos ser a origem de nosso dizer, num efeito de apagamento ocasionado pela ideologia que torna possível a formulação do dizível (ORLANDI, 1996), a linguagem não é transparente e aquilo que se fala e como se fala produz diferentes efeitos de sentido (ORLANDI, 1999).

Por fim, ressalta-se que qualquer análise que tenha como base os princípios da AD deve seguir alguns preceitos relacionados às condições de produção do discurso e observar, portanto, que um texto é passível de diferentes interpretações, dado que os sujeitos, em seu processo de autoria, filiam-se a distintas redes de sentidos. Nesse sentido, partimos dessas noções e princípios para a análise da relação de sentidos presente no enunciado que propomos estudar, de modo a compreender o deslocamento de sentidos existente na expressão “a luta continua”.

O caminho discursivo do enunciado “A luta continua”

Neste trabalho, fizemos a divisão dos textos de acordo com as diferentes formações discursivas (FD) a que seus enunciados pertencem. Para isso, explicaremos as duas FD que poderão ser vislumbradas a partir da nossa análise.

FD1: Inicialmente, devemos considerar que a FD de DR relaciona-se às condições de produção relativas ao movimento de resistência contra o regime militar, que representa a luta armada e a política contra a opressão. Notamos um primeiro deslocamento de sentido presente no vocábulo “luta”, haja vista que, durante o regime militar, a palavra era empregada com o sentido de embate físico e ideológico, considerando aqui a palavra ideologia em seu sentido marxista. Todavia, atualmente, o vocábulo é empregado de forma a representar apenas o embate ideológico, que, numa perspectiva marxista de luta de classes, busca ir de encontro aos interesses das classes dominantes, favorecendo as classes de menor condição social. Especificamente sobre DR, vemos que ela e seu partido filiam-se à política de esquerda e, conseqüentemente, às FD relacionadas aos movimentos sociais.

FD2: Em contrapartida, a FD à qual AN e seu partido se filiam representa oposição direta às políticas do governo vigente. Dessa maneira, a retomada do enunciado, que leva a uma relação polissêmica e a seu deslocamento de sentidos por meio de um acontecimento histórico, se dá na medida em que AN utiliza os dizeres de DR para alavancar a sua campanha, mas tendo como alvo não as práticas que oprimem as classes desfavorecidas da sociedade, mas o próprio governo vigente.

É válido salientar que, apesar de sua gênese remontar ao ano de 1988, vários políticos que participaram da fundação do PSDB, partido pelo qual AN disputou as eleições naquele ano, fizeram parte da oposição à ditadura militar e ao bipartidarismo imposto no período (CHRISTIANO, 2003). Um exemplo é o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que, assim como outros membros do partido, participou de movimentos de oposição ao regime ditatorial. Ademais, Paiva (2006) aponta que, além da oposição à ditadura militar, PSDB e PT tem como ponto em comum a oposição ao modelo nacional-desenvolvimentista, mesmo com as grandes divergências de ideais e posicionamentos dos dois partidos.

Cabe pontuar também que, em sua origem, o PSDB foi composto por dissidentes do PMDB e de outros partidos de esquerda. O partido nasce, então, a partir de quatro correntes políticas: “[...] os liberais progressistas, os democratas-cristãos, os socialdemocratas e os socialistas democráticos” (CHRISTIANO, 2003, p. 138). Portanto, ainda que em outros contextos, os fundadores do partido “lutaram”

contra a ditadura militar, sendo muitos deles perseguidos. Todavia, a significação do enunciado “a luta continua” toma sentidos diferentes quando mobilizado por DR, que refere-se a dizeres anteriores relacionados à ditadura militar. Quando este enunciado é mobilizado por AN, este é ressignificado e refere-se ao presente, ou seja, ao governo vigente naquele momento (o “governo PT”).

De acordo com o Dicionário UNESP do português contemporâneo (BORBA, 2004), o vocábulo “luta” reserva diversos significados. Destacamos aqui, para fins de análise, dois deles. O primeiro possui conotação de combate corpo a corpo; o segundo, por sua vez, traz consigo a ideia de empenho, esforço. Assim, no presente trabalho, veremos como os dois sentidos, inicialmente utilizados no enunciado o qual é objeto de análise, não continuam a ser empregados concomitantemente.

Ademais, é importante dizer que a análise não se pautará exclusivamente nos significados dicionarizados do vocábulo “luta”, mas a apresentação dos significados nos parece útil para fins de ilustrar a maneira como ele pode ser interpretado e mobilizado no momento da enunciação. Desse modo, ao analisarmos o contexto histórico que marcou o Brasil nas décadas de 60 e 70, notamos a recorrência no uso do vocábulo “luta”, visto que, o contexto político que permeava o país no período era o das lutas pela libertação do(s) povo(s).

Sobre a relação entre o contexto ditatorial e o contexto das eleições de DR, foco de nossas análises, sabemos que o governo PT, que foi interrompido pelo processo de *impeachment* da referida presidente, se realizou em meio a uma matriz hegemônica histórica de corrupções, num modelo em que muitas disputas emergiram em meio a um cenário de políticas públicas de cunho social. Assim, as condições de produção do período em que DR concorria à sua reeleição versa sobre esse viés de relações de poder, marcadas pela disputa por “[...] projetos e frações do capital brasileiro e internacional, operando uma mudança de horizontes políticos que anuncia, em especial, uma aguda luta pelo modelo de acumulação do capital no Brasil” (MASCARO, 2017, p. 177). Essas disputas no cenário político nacional têm a sua gênese na ditadura militar, tal como Mascaro aponta no trecho a seguir:

As práticas de governo revelam um fio condutor único que vai da ditadura militar ao governo do PT, estabelecendo-se, do mesmo modo, nos demais níveis de governo da federação – estados e municípios. A corrupção por pressão de grandes empresas e como estratégia de favorecimento econômico imediato de políticos é o modelo específico de armação política do Brasil há décadas, podendo-se, se não se quiser remontar a uma longínqua sequência, estabelecer a ditadura militar brasileira como marco de sua nova estruturação junto às empresas privadas e o governo Sarney como padronizador da dependência corruptiva entre os poderes Executivo e Legislativo (MASCARO, 2017, p.184).

Esse cenário político de embate, marcado por lutas por parte de diversos movimentos sociais² contra as opressões sociais, ultrapassa o limiar do contexto

2 De acordo com Molina “[...] alguns autores defendem que a sociedade brasileira, desde o início do golpe, participou ativamente, protestando contra a presença dos militares no poder, por meio de

histórico da ditadura militar e, sob os fios da memória, se materializam a partir de outros enunciados, mas que trazem o retorno do já-dito ao passo que deslocam sentidos em meio a um acontecimento discursivo.

Sobre o deslocamento de sentidos, analisando o enunciado “Vote Sem Medo”, decorrente de um contexto de eleição de um reitor num campus universitário, sem datas ou maiores detalhes especificados, Orlandi (1999) aponta que, dadas as condições de produção em que esse enunciado se insere, há um silenciamento de outro dizer: “Vote Com Coragem”. No entanto, esse não dizer também significa. Se transpormos para o contexto ditatorial, o qual as universidades vivenciaram, podemos dizer que há um silêncio que censura, mas que leva, por meio da filiação a imaginários sociais que se relacionam à memória discursiva, a um “esquecimento” que “[...] produz em nós a impressão de realidade do pensamento” (ORLANDI, 1999, p. 35). Assim, por meio do enunciado “Vote Sem Medo”, há uma evocação de outros enunciados, como, por exemplo, “Vote sem Medo... Sem Medo de Ser Feliz”. Essa FD, que de acordo com Orlandi é própria ao PT e o beneficiária, leva a conjugação de “[...] sentidos de discursividades equívocas” (ORLANDI, 1999, p. 85). Em outras palavras, há um deslocamento de sentidos que faz com que o enunciado signifique de diferentes formas.

Analogamente à análise supramencionada, realizada por Orlandi, podemos colocar o cenário foco de nossa análise como similar. Em 2014, durante a corrida eleitoral pela presidência do Brasil, DR, candidata vencedora do primeiro turno, afirmou: “Como a gente dizia... desde a luta pela resistência... nós dizíamos uma coisa: a luta continua”³. Esse enunciado de DR nos dá indícios do sentido que o enunciado “a luta continua” possuía na resistência ao regime militar, e que se confirma nas palavras de Politi e Seixas:

A indignação tomou conta da maior parte dos militantes do PCB, surgindo então vozes no seu interior que começaram a clamar pela urgência em promover outro tipo de luta contra o inimigo instalado no poder. [...] Começaram, então, a surgir, mesmo que de forma incipiente, alguns grupos de resistência à ditadura, os primeiros a partir dos militares de esquerda, notadamente dos grupos de sargentos e cabos, que esboçaram formas de luta com base nas armas (POLITI; SEIXAS, 2017, p. 10).

Esse trecho confirma o caráter histórico da luta no período ditatorial: um embate físico, uma luta armada. No entanto, isso não significa que a “luta” praticada pela resistência ao regime militar não tivesse, do mesmo modo, caráter político-ideológico⁴, já que há outros sentidos possíveis a serem apreendidos. Por exemplo, o PCB (Partido Comunista Brasileiro), referência da política de esquerda brasileira, prezou pela exaltação da democracia em detrimento da luta armada. Nesse sentido, como supramencionamos, o verbo “lutar” não tem necessariamente o sentido de embate físico, podendo ser uma “luta” por meio de outras formas de

debates, de manifestações públicas patrocinadas pelos movimentos sociais, dentre eles: o movimento estudantil, os movimentos sindicais, as ligas camponesas etc” (MOLINA, 2015, p. 28).

³ DILMA ROUSSEFF, fala proferida em 05 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J07xjdRri4g>.

⁴ Aqui compreendendo ideologia em seu sentido de senso comum.

embate, a partir de representações de sujeitos que se filiam a uma dada rede de sentidos e que têm uma imagem a respeito das posições sociais que ocupam e daquelas que são ocupadas por outros sujeitos nessas relações discursivas.

Tendo em vista que o regime militar teve o apoio das classes mais favorecidas da sociedade brasileira, o termo “luta”, no enunciado “a luta continua”, revelara, dentro das condições de produção do período ditatorial, o caráter social pertencente às classes menos favorecidas nos anos 60 e 70, filiando-se a um discurso de nacionalismo e patriotismo. É nesse sentido que DR, ao pronunciar “a luta continua”, busca resgatar o sentido nacionalista que o enunciado em questão carrega consigo. Devido ao caráter atual da democracia brasileira, seria ilógico que DR procurasse resgatar o sentido de “luta” como “embate entre dois corpos”, visto que esse significado remete à luta armada. Pelo contrário, a “luta” que DR apela para o povo é, na atual conjuntura política, apenas ideológica, em seu sentido marxista. Dessa forma, temos o primeiro deslocamento de sentidos no enunciado “a luta continua”: o vocábulo “luta” perde uma de suas significações anteriormente utilizadas, devido as alterações sobre ele postas em meio a um dado contexto histórico.

É interessante percebermos que, nos recentes governos brasileiros que tiveram a frente membros do partido político de DR, houve significativo crescimento e valorização das classes sociais de baixa renda. É por esta razão que, acompanhado do vocábulo “luta”, percebemos o termo “continua”. Pelo fato de ter terminado o primeiro turno das eleições presidenciais de 2014 com o maior número de votos, DR percebe que o empenho de valorização e de tomada de medidas sociais devem continuar a crescer no país. Filiada a uma FD própria ao movimento de resistência, que teve o seu início no contexto da ditadura militar e que segue como parte dos princípios e ideais de governo assumidos por DR e seu partido político, no enunciado “a luta continua”, DR pronuncia: “porque é a luta da maioria do povo brasileiro”⁵, demonstrando a relação entre os dois enunciados e, conseqüentemente, o sentido histórico-social ao qual o primeiro se filia. Destarte, tal como no exemplo supracitado de Orlandi a respeito do enunciado “Vote Sem Medo”, o enunciado “a luta continua” pode ser parafraseado por “a luta do povo continua”, “a luta social continua” ou, inclusive, “a luta do povo brasileiro por seus direitos continua”. É importante salientar ainda que esse deslocamento de sentidos, que ocorre em meio a um acontecimento discursivo que traz o retorno de um enunciado (“já-dito”) sob outras formas, sendo que a ilusória sensação de que esse dizer está sendo proferido pela primeira vez decorre de um efeito interdiscursivo.

Em outro jogo enunciativo, apelando para uma FD nacionalista, DR agrupa os indivíduos pertencentes às classes sociais com a simbologia de “construtores de futuro”, como vemos no trecho:

(I) É... depois de “a luta continua” tinha que ser “o povo unido jamais será vencido” [...] essa luta [...] é a luta dos construtores de

5 DILMA ROUSSEFF, 05 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J07xjdRri4g>.

futuro [...] construtores de futuro [...] que não deixarão jamais... o Brasil voltar pra trás⁶.

Ao ser proferido por DR o enunciado “construtores de futuro”, há uma oposição ao passado, ou seja, à luta contra o regime militar em busca da construção de um novo futuro, um outro ideal de nação. Como dissemos, este era um objetivo comum aos que vieram posteriormente fundar partidos políticos como o PT, de DR, e o PSDB, então partido de AN. No entanto, ao ressurgir o enunciado nas eleições de 2014, não mais há a significação no sentido de luta armada e/ou ideológica em oposição à ditadura militar. Ao ser proferido em outras condições de produção, o enunciado “luta” não só tem o seu sentido deslocado como o mesmo ocorre em relação ao enunciado “construtores do futuro”.

Isso vem evidenciar o aspecto social do discurso de DR da seguinte maneira: nos últimos três governos, até aquele momento, marcado como todos do partido de DR, a valorização das classes economicamente menos favorecidas da população orientaram em grande parte das ações do governo, o que, na visão do partido de DR, não acontecia em governos anteriores, dos partidos da oposição. Por se tratar de governos de oposição à DR e ao seu partido, as ações destes eram orientadas por outros interesses que não à valorização do povo brasileiro.

Portanto, DR, ao agrupar seus eleitores chamando-os de “construtores de futuro”, cria a oposição Futuro vs. Passado em seu discurso a partir de relações de sentido e de relações de força. Assim, o seu governo seria o do futuro, intencionando relacionar-se nesse enunciado a sentidos que se pautam na valorização do povo e em ações que levem à melhoria em sua qualidade de vida. Já o governo de AN seria a personificação do passado, algo retrógrado, com vistas às ações praticadas de não valorização do povo, o que demonstra uma busca em remeter-se a determinados sentidos de algo a ser superado. Essas, então, são diferentes nuances da fala de DR que, ao dizer determinadas coisas e deixar de dizer outras, significa. É, portanto, no não-dizer que DR deixa subentendido a posição do “outro”, aqui marcado pelo partido de oposição e por seus eleitores. Nessa relação de forças e de sentidos consideramos “[...] que toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis: contradição inscrita nas próprias palavras” (ORLANDI, 1999, p. 74).

Posteriormente, apropriando-se desse enunciado, surgem falas de AN, candidato de oposição à DR na corrida pela presidência do Brasil. Ao perder as eleições pela menor diferença de votos já registradas desde o processo de redemocratização do país, AN e seus aliados se pronunciaram de forma a apropriarem-se do discurso de DR. Assim, a partir da primeira fala de DR (I), constrói-se outras relações de sentido. Porém, em todas as formas de significação expressas nesse deslocamento discursivo, há a presença do enunciado “a luta continua”, como podemos observar nos trechos abaixo:

6 DILMA ROUSSEFF, 05 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J07xjdRri4g>.

(II) “O deputado Otavio Leite (RJ) exaltou a democracia como um bem maior. ‘Perdemos por pouco, mas a luta continua’ [...] Já o deputado Antonio Carlos Mendes Thame afirmou que o candidato tucano ‘vai continuar a lutar ao lado dos brasileiros’” (PSDB, 27/10/2014).

Observamos que o enunciado “a luta continua” foi retomado no discurso (II) com sentidos diferentes. Entre diversas possibilidades de análise que essas falas nos oportunizariam, o que nos interessa apontar é como ocorre um deslocamento de sentidos, por meio de uma retomada do enunciado, a partir da filiação a outras FD’s e redes de sentidos. Sobre essa relação de sentidos, vemos em funcionamento o mecanismo de antecipação. É a partir das condições de produção em que o sujeito que enuncia se insere que ocorre a busca por direcionar os possíveis (efeitos de) sentidos produzidos pelos interlocutores. Esse direcionamento ocorre a partir do deslocamento dos termos para outros contextos e que, ao serem enunciados, mostram-nos que o efeito de sentido produzido se relaciona necessariamente com a posição e o lugar ocupado pelo sujeito no discurso. Nesse sentido, vemos que os aliados de AN retomam o enunciado e lhes dá outra significação a partir do deslocamento do enunciado inicial, em meio ao acontecimento discursivo em questão, filiando-lhe a outra rede de sentidos que funcionará de acordo com as condições de produção, históricas e imediatas, e mediante aos lugares ocupados por esses sujeitos na ordem discursiva.

Ademais, como pontuado, entende-se que a memória discursiva possibilita que as palavras ganhem sentido, a partir de um mecanismo de esquecimento, que faz com que as palavras aparentem ser ditas apenas num dado momento e que traz a ilusão de que o sujeito que as enuncia é a origem desse dizer. A partir da memória discursiva, o referido enunciado migra em um novo contexto sócio-histórico (acontecimento discursivo), tendo como base outros discursos, disputando assim os sentidos a partir de uma dada FD.

No discurso de AN, veiculado através de uma rede social, ele afirma “Que toda essa energia nos sirva como estímulo para continuarmos nossa luta pelas mudanças que sonhamos para o nosso País”⁷. A partir da demonstrada insatisfação de boa parte da população brasileira, AN constrói seus dizeres veiculando a palavra “luta”, anteriormente utilizada por DR. No entanto, aliada à “luta”, observamos o vocábulo “mudança” como ponto central na fala de AN. Devido ao elevado número de insatisfeitos com o momento político pelo qual atravessava o país naquele período (2014), ele propõe uma mudança de gestão deste como a solução. Ora, sendo AN o candidato de oposição à DR, o desejo de mudança da população brasileira acarretaria votos para ele. Dessa forma, conforme observaram Oliveira, Leal e Mira (2015), AN utilizou-se dessa estratégia para embasar a sua campanha política. Assim, Oliveira e seus colaboradores (2015) observam que, no início da campanha, o tema da mudança foi assunto em 5,31% dos discursos de AN. Posteriormente, no segundo turno das eleições, a ocorrência dessa temática foi de 25,29%, o que mostra uma intensificação desse discurso,

7 AÉCIO NEVES, 30 de outubro de 2014, Disponível em: <https://www.facebook.com/AecioNevesOficial/videos/887384984639717/>.

numa busca por direcionar a produção de sentidos a respeito desta necessidade de mudança.

Observamos a polissemia assumida pela palavra “luta” também a partir de sua relação com outros termos, o que faz com que as relações entre sentidos ocorram mediante não apenas às FD’s, as quais o sujeito que enuncia se filia, como também de acordo com os efeitos de sentido que se busca produzir quando o sujeito que enuncia direciona o seu dizer. Esse direcionamento ocorre a partir da escolha por falar uma coisa e não e outra, e por meio do mecanismo de antecipação, que leva o sujeito a falar de determinada forma, de acordo com o seu imaginário a respeito de quem o ouve e de como acredita que esse sujeito interpretará. Dessa forma, direcionando-se aos sujeitos que estavam insatisfeitos com o governo atual e em busca de controlar as interpretações possíveis, AN antecipa-se em seus dizeres, numa busca por um processo parafrástico que tem como base um imaginário de seu interlocutor.

A “mudança” proposta por AN é no governo, nos interesses e em suas ações, visto que sua política ideológica é de oposição à de DR e ao atual governo. Nesse contexto, a palavra “mudança” tem então sentido de insatisfação e de alternativa. Por isso, no discurso de AN, “continua” não vem complementar o sentido de “mudança”, estabelecido em vieses de políticas públicas que possam dar continuidade à busca pela construção de um novo cenário diante opressões e desigualdades históricas vivenciadas por uma certa camada da população brasileira, como vemos no que é exposto por DR. Naquele discurso, de DR, “mudança” complementa o sentido de “luta”, formando o sintagma “a luta pela mudança”. Esse sintagma, por sua vez, é complementado por “continua”, criando o enunciado “a luta pela mudança continua”. Assim, para DR, essa é a luta dos construtores de futuro, que não deixarão jamais o Brasil voltar para trás, visto que, para ela, “[...] o povo brasileiro anseia por mais avanços, e disse que vê no projeto que eu represento a mais legítima e confiável força de mudança”⁸. Portanto, há a aproximação de sentidos expressos nos vocábulos “luta” e “mudança”, já que ambos representam o esforço e o empenho das classes menos favorecidas da população em crescer, o que, para DR, vem acontecendo em seu governo.

Contrariamente, podemos dizer que na mobilização do vocábulo “luta” por AE, a relação de sentidos (e de força) se coloca num embate político-ideológico que busca destituir o governo vigente (PT e DR). Além disso, AN, em seu discurso, mantém o uso da palavra “continua”, como visto a seguir:

(VII) Que toda essa energia nos sirva como estímulo para continuarmos nossa luta pelas mudanças que sonhamos para o nosso País. Vamos continuar unidos, fortes e atuantes⁹.

O sentido deste vocábulo também é deslocado na FD2, como mais uma marca polissêmica: nessa fala, “continuar” traz o sentido de que a insatisfação e o

8 DILMA ROUSSEFF, 6 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/DilmaRousseff/posts/757230467663880>

9 AÉCIO NEVES, 30 de outubro de 2014, Disponível em: <https://www.facebook.com/AecioNevesOficial/videos/887384984639717/>

anseio por mudança do povo brasileiro vêm de longa data. Isso nos leva a pensar na longevidade do governo de DR e de seu partido, o qual completava 12 anos no momento das eleições de 2014. AN busca, portanto, através da apropriação do discurso de DR, demonstrar que, na realidade, “a luta continua” para a mudança na gestão do país, visto que o número de insatisfeitos com o governo daquele período era alto. De forma análoga, na fala (II), a partir do enunciado “a luta continua” poderiam surgir paráfrases como “a luta pela mudança de governo continua” e “a luta dos insatisfeitos continua”.

Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos algumas considerações acerca do deslocamento de sentidos da expressão “a luta continua”, por Aécio Neves. Para tanto, foi utilizado como referencial teórico-metodológico algumas noções e princípios da AD de linha francesa pecheutiana. Conclui-se que o enunciado supramencionado é retomado a partir de um efeito propiciado pelos mecanismos da memória discursiva, de forma a materializá-lo de diversas maneiras, a partir da retomada e do deslocamento polissêmico de sentidos. Isso ocorre mediante a um acontecimento histórico específico, as eleições presidenciais brasileiras, e que, portanto, decorrem em meio a condições de produção específicas, imediatas e históricas, sendo o enunciado em questão mobilizado por sujeitos que marcam os seus posicionamentos principalmente por suas posições sociais e político-ideológicas assumidas na ordem enunciativa.

Assegura-se ainda que, embora as formações discursivas sejam relativamente estáveis, isto é, as condições de produção e a ação da ideologia delimitam e determinam o que pode ou não ser dito, vemos que os sujeitos podem utilizar-se de diferentes mecanismos da linguagem para mobilizar determinados sentidos em distintas situações, o que nos leva a compreender que, apesar da ilusória transparência da linguagem, a maneira como uma determinada expressão pode ser dita é variável e influenciará nos modos de significação. Nesse âmbito, constatou-se que o sentido do enunciado passou a figurar em outra FD, o que permitiu o deslocamento. Em outras palavras, é a partir da assunção de outras posições no discurso (“posição-sujeito”) que o sujeito significa.

A partir disso, notamos que não só o enunciado “a luta continua” apresentou variações e/ou movimentos de deslocamento, conforme os lugares ocupados pelos sujeitos e de acordo com as condições de produção de sua enunciação, como também os vocábulos “luta”, “mudança” e “continua” apresentaram caráter polissêmico e dinâmico. A recuperação do enunciado “a luta continua”, por DR, de um período diferente na história, possibilitou a apropriação deste e o ressignificou, a partir de seus interesses e filiações, e filiando a redes de sentidos de outras Formações Discursivas. Assim, os sentidos deslocados são apreendidos a partir da ideologia que se materializa no discurso e traz consigo aquilo que decorre ao longo da história, numa forma de acontecimento discursivo.

Diante das questões expostas, apontamos para o fato de que outros estudos, que busquem compreender as relações entre os acontecimentos históricos das eleições de 2014 e os posteriores processos políticos decorrentes do *impeachment* de Dilma em 2016 e das eleições de 2018, podem nos dar subsídios para entender

o atual momento político nacional. Isso porque, acreditamos que o jogo político-ideológico que foi foco de nossas reflexões neste estudo muito se relaciona aos movimentos políticos que levaram à eleição do atual presidente Jair Bolsonaro e, conseqüentemente, à onda de conservadorismos que, a nosso ver, implicaram em uma série de retrocessos nas políticas sociais que eram empregadas até então. Nesse sentido, acreditamos que demais pesquisas que se pautem em compreender tais questões podem colaborar para o enfrentamento e superação dos desafios contemporâneos.

Referências

- BRAGA, C. F. A instituição midiática Veja e a produção de sentidos referentes aos sujeitos candidatos à Presidência da República. *Crátulo (Patos de Minas)*, v. 3, p. 30-37, 2010.
- CHRISTIANO, R. De volta ao começo!: raízes de um PSDB militante, que nasceu na oposição. Brasília: Geração Editorial, Instituto Teotônio Vilela, 2003.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. (Neves, L. F. B., Trad.) Petrópolis: Vozes, 1971 (original publicado em 1969).
- GRIGOLETO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2., 2005, Porto Alegre. *Anais eletrônicos*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- MASCARO, Alysson. Direito, crise e impeachment no Brasil. *Revista Observatorio Latinoamericano y Caribeño - Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe IEALC*, n. 1, 2017.
- MELO, C. T. V. de. Deslocamentos de sentido do enunciado “O petróleo é nosso”. *Revista Letras*, n. 57, pp. 251-269. Jan/jun. 2002. Curitiba: Editora da UFPR.
- MOLINA, Sandra Cordeiro. Os movimentos sociais e a ditadura brasileira (1964-1985): considerações sobre a participação da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB. *Universitas Humanas, Brasília*, v. 12, n. 1-2, p. 27-40, jan./dez. 2015
- MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. volume 2. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. P. 113-165.
- OLIVEIRA, L. A.; LEAL, P. R. F.; MIRA, G. F. P. A construção da imagem de Aécio Neves na disputa presidencial de 2014 sob a perspectiva da cultura da mineiridade. *Razón y Palabra*, Número 91, 2015. P. 1-21.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. P. *DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO: UM OBSERVATÓRIO DO POLÍTICO*. *Fórum Lingüístico, Fpolis*, n. 1 (73-81), jul-dez. 1998.
- ORLANDI, E. P. *Discurso imaginário, social e conhecimento*. *Em aberto, Brasília*, ano 14, n.61, jan/mar, 1994.

ORLANDI, E. P. Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAIVA, D. H. S. PT e PSDB: dois programas de governo, um projeto para o Brasil. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado). Departamento de Antropologia Filosofia e Política da Universidade Estadual Paulista - Campus de Araraquara, 2006.

PARZIANELLO, S. R. B. O discurso da mudança de Aécio Neves e Dilma Rousseff: uma análise da prática retórica entre diferentes, no retorno para o segundo turno às eleições de 2014. Em Tese, v. 13, n. 1, jan./jun., 2016. P. 6-18.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. (1969). “Análise automática do discurso (AAD-69)”. In: GADET & HAK (org.). Por uma análise automática do discurso. 3ª ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61 - 161.

PÊCHEUX, M. Discurso: estrutura ou acontecimento. Trad.bras. por Eni Orlandi. Campinas, Pontes, 1990.

PIMENTEL, T. Após perder eleição, Aécio Neves descansa em Belo Horizonte. G1, 27/10/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/eleicoes/2014/noticia/2014/10/apos-perder-2-turno-aecio-neves-descansa-em-belo-horizonte.html>>. Acesso em: 31 de Março de 2017.

POLITI, M.; SEIXAS, I. A. de. A resistência armada na luta contra a opressão. Disponível em: <http://docplayer.com.br/2610816-A-resistencia-armada-na-luta-contr-a-opressao-ivan-akselrud-de-seixas-1-e-maurice-politi-2-breve-resumo-a-respeito-das-formas-de-luta.html>. Acesso em: 03 de Abril de 2017.

POSSENTI, S. Ainda sobre a noção de efeito de sentido. In.: GREGOLIN, M. do R. V.; BARONAS, R. (Orgs.). Análise do discurso: as materialidades do sentido. São Carlos, SP: Claraluz, 2001. p. 45-59.

PSDB. Apoiados por milhões de brasileiros, tucanos prometem continuar na luta por um Brasil melhor. 27/10/2014. Disponível em: <<http://www.psdb.org.br/pa/apoiados-por-milhoes-de-brasileiros-tucanos-prometem-continuar-na-luta-por-um-brasil-melhor/>>. Acesso em: 31 de Março de 2017.

VIANA, R. Em discurso, Dilma Rousseff afirma que o povo “não quer fantasmas do passado de volta”, em referência às gestões do PSDB. Huffpost Brasil, 05/10/2014. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2014/10/05/em-discurso-dilma-rousseff-afirma-que-o-povo-nao-quer-fantasma_a_21665419/>. Acesso em: 31 de Março de 2017.

Para citar este artigo

SENE, Marcus Garcia et. al. Efeitos de sentido no deslocamento do enunciado “A luta continua”: um estudo discursivo. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 3, p. 1116-1133, set.-out. 2021.

Os Autores

Marcus Garcia de Sene é professor do Curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário Newton Paiva. Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2715-5294>

Wilder Kleber Fernandes de Santana é Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling-UFPB). Especialista em Gestão da Educação Municipal (UFPB). Área de concentração: Discurso e Sociedade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7569-499X>

Alberto Lopo Montalvão Neto é Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Mestre em Educação Científica e Tecnológica (UFSC - Florianópolis). Área de concentração: Estudos educacionais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4875-646X>

Danielyson Yure de Queiroz Valentim é Graduando em Letras – Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Área de concentração: Linguística. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8891-1217>